

O TEXTO LITERÁRIO NO ENSINO FUNDAMENTAL

Izabel Cordeiro dos Santos Nunes*

RESUMO: A leitura de obras literárias na escola tem um papel transformador. Leva o leitor a estabelecer diálogo com diferentes tipos de livro, contribuindo para que ele se posicione criticamente face à realidade. Já não se pode considerar como bom leitor aquele que apenas lê corretamente. Leitura e literatura são formas de conhecimento e o gosto se forma na aprendizagem escolar, por isso requer procedimentos didático-pedagógicos adequados, pois o prazer de ler é construído na medida em que o leitor vai superando dificuldades e limitações e se constituindo como sujeito, criando novas relações entre situações reais e situações de pensamento. É fundamental o papel do professor nessa interação entre o texto e o leitor, pois ele é o principal responsável pelo ensino da leitura na escola. É necessário planejar estratégias que sirvam para despertar o interesse pela leitura entre crianças e adolescentes, permitindo-lhes transcender as dificuldades e avançar no processo de amadurecimento. Trabalhar o texto literário de forma que o aluno seja envolvido em um processo que o levará a perceber que a literatura não se esgota no texto e sim, completa-se no ato de leitura. Partindo desses pressupostos, o presente trabalho é resultado de uma pesquisa-ação realizada ao longo do primeiro semestre de 2008, com alunos do Colégio Estadual Jardim Porto Alegre (Toledo/PR), na qual foram desenvolvidas atividades que tinham como foco principal a intertextualidade, para incentivar a leitura através da produção de vários gêneros textuais. Utilizou-se como elemento desencadeador de todas as atividades a obra *Amigos Secretos* de Ana Maria Machado.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Literatura. Intertextualidade. Gêneros textuais.

ABSTRACT: The reading of literary compositions at school has a transforming role. It takes the reader to establish a dialogue with different kinds of book, contributing the reader to face critically the reality. We cannot consider anymore as a good reader who only reads correctly. The reading and the literature are forms of knowledge and the taste is developed in the school learning, so it requires adequate didactic teaching procedures, because the pleasure in reading is built as the reader overcomes difficulties and limitations and constituting himself as an individual, promoting new relations between real situations and thought situations. The teacher role is very important in the interaction between the text and the reader, because he/she is the main responsible for the reading education at school. It is necessary to plan strategies awakening reading interest among children and adolescents, allowing them to exceed and to advance in the ripening process. Working the literary text in a way which the student is involved in the process that will take him /her to notice that the literature is not only in the text, but it becomes completed in the reading act. From these results on, the present work is a

* Professora do Colégio Estadual Jardim Porto Alegre – Ensino Fundamental, MÊdio e Profissionalizante (Toledo/PR). Trabalho apresentado como requisito parcial para conclus.,o do Programa PDE

result from an action research, performed throughout of the first semester of 2008, with students of Jardim Porto Alegre, Public School (Toledo/PR), in which activities were developed with the intertextuality as the main focus, to stimulate the reading through the production of several literal texts. The element that caused all the activities was the composition "Private Friends" of Ana Maria Machado.

KEYWORDS: Reading. Literature. Intertextuality. Literal texts.

INTRODUÇÃO

Ao entrar na escola, a criança passa a estabelecer uma íntima relação com os livros, pois estes vêm ao encontro do seu mundo de fantasias. Elas, então, têm prazer em aprender a ler para desvendar o mistério de tudo que está escrito nos livros. Há um esforço por parte dos professores, pais e, principalmente, da criança nesse processo. E mesmo quando este não ocorre de maneira satisfatória, ou seja, não há o aprendizado efetivo da leitura, a criança recorre à sua imaginação e é capaz de ficar horas "lendo" textos literários de acordo com o que ela acha que deve estar escrito.

Existe um prazer em ler, em desvendar o desconhecido, em descobrir novos personagens. Isso é reforçado quando os pais e professores contam e lêem histórias para as crianças, não apenas no início da alfabetização, mas em qualquer fase da infância e adolescência.

Entretanto, a partir da minha experiência em sala de aula, observo que a continuidade desse processo, ao longo do Ensino Fundamental, não ocorre ou se dá de forma inadequada, sem planejamento e orientação, ou seja, a literatura fica apenas na trivialidade e não se avança para o "difícil", na busca de uma verdadeira formação do leitor que, além de crítico, seja capaz de sentir e de expressar o que sentiu, interagindo com a obra e com o autor.

Quando um texto literário é levado para a sala de aula sem receber o merecido prestígio, o professor está negando aos seus alunos a possibilidade de descobrir a beleza semântica e estética que pode ser explorada através de uma leitura prazerosa. A escola tem este papel: contribuir para que os livros lidos em sala de aula e fora dela cumpram, realmente, o ciclo completo do seu destino, proporcionando a reflexão sobre arte e sobre a vida e despertando emoções que serão únicas e irrepetíveis para cada leitor.

Assim sendo, o objetivo do estudo aqui apresentado incide na análise de metodologias de ensino de literatura no nível Fundamental, bem como a proposição de alternativas para a efetivação das aulas de literatura nesse nível, através de estratégias de leitura, a partir da experiência realizada na 6ª série A do Colégio Estadual Jardim Porto Alegre, em Toledo, Paraná. Esta experiência foi efetivada no período de fevereiro a julho de 2008, com o intuito de resgatar o encantamento pela literatura, superando a noção de prazer como algo fácil e imediato e levando os alunos a uma consciência de que leitura demanda esforço e objetivo. Além de oportunizar-lhes o contato e o gosto pela leitura literária através da intertextualidade, leitura e oralidade na perspectiva de tornarem-se leitores mais envolvidos, transformadores e críticos.

LER NA ESCOLA: PRAZER?

De maneira geral, entre as séries finais do primeiro ciclo do Ensino Fundamental e as iniciais do segundo, não há uma continuidade no ensino de literatura. Ao contrário, há uma ruptura nesse processo: as crianças saem de um nível no primeiro ciclo – no qual supõe-se que tenham acesso à literatura infantil e que haja interesse nesse tipo de leitura – e vão para um outro, quando estão entrando na pré-adolescência. Obviamente seus interesses também começam a mudar, mas o tipo de textos disponibilizados nas escolas não acompanha essas transformações, o que, segundo Neuza Ceciliato de Carvalho (1997), pode ser um dos motivos que leva ao afastamento progressivo do adolescente em relação à leitura de textos literários. Para a pesquisadora supracitada,

Uma das hipóteses levantada sobre a razão de as crianças gostarem de ler e os jovens não, parece estar ligada à diferença da literatura produzida para a infância e a produzida para a juventude. Os livros infantis brasileiros, em grande parte, atingiram um nível estético muito bom, tanto no que se refere à qualidade do texto verbal, quanto à qualidade das ilustrações, e, ainda, quanto ao aspecto gráfico e ao papel utilizado. (CARVALHO, 1997, p. 8)

Já os textos destinados, *a priori*, para adolescentes, não apresentam essas mesmas características (colorido, diagramação interessante, papel atrativo, imagens bonitas) e são vistos com um certo distanciamento pelo leitor que se depara com uma obra em que o texto escrito predomina e, se há ilustrações, normalmente são menores (ocupam pouco espaço na página) e não são coloridas. Para Carvalho, esta pode ser uma das razões que leva o adolescente a se desinteressar por tais livros.

Em outras duas hipóteses, ela argumenta a respeito da diferença biológica, psicológica, afetiva e social entre a criança e o jovem, discorrendo sobre a diferença do tratamento dado pela ciência à criança e ao jovem no que se refere à constituição biológica e emocional de ambos. Afirma que a Medicina Pediátrica e a Psicologia Infantil definem a criança como um ser em desenvolvimento físico, emocional e social, havendo uma grande defesa da liberdade de expressão da criança, do respeito ao seu nível de desenvolvimento moral, cognitivo e afetivo, e da adequação do material didático às diferentes faixas etárias. Sobre o jovem, essas ciências são menos enfáticas, não existindo com igual amplitude uma literatura médica e psicológica que dê conta das especificidades desse ser ainda em formação emocional e física, mas que não é mais uma criança.

Acrescenta, ainda, que essas premissas estão diretamente ligadas ao trabalho realizado pelo professor em sala de aula, com sua forma de se relacionar com os adolescentes e com o tipo de trabalho que realiza junto a seus alunos dessa faixa etária. Neusa Ciciliato de Carvalho salienta que, de certa forma, os cursos de Magistério, nas últimas décadas, têm oferecido ao professor uma teoria psicopedagógica que o libera de cobrança rígida do conteúdo de leituras, especialmente no que diz respeito à literatura infantil. No entanto, quando se trata do universo juvenil, não há uma reflexão maior, por parte da escola e dos pesquisadores, sobre o tipo de literatura adequada a essa faixa etária ou a esse período de vida. Via de regra, não há um trabalho efetivo que busque o prazer da leitura com responsabilidade e que seja desenvolvido periodicamente e de forma planejada, de maneira que os conteúdos de interpretação, leitura e escrita estejam interligados e não isolados. Pelo fato de os alunos não terem relevante contato com a literatura

em sala de aula, passam ao professor a idéia de que não gostam de ler. Quando levam os livros para casa, lêem pela nota e não pelo prazer e responsabilidade de fazer uma boa leitura.

Para Ricardo Azevedo (2004, p.39),

É importante deixar claro: para formar um leitor é imprescindível que entre a pessoa que lê e o texto se estabeleça uma espécie de comunhão baseada no prazer, na identificação, no interesse e na liberdade de interpretação. É necessário também que haja esforço, e este se justifica e se legitima justamente através dessa comunhão estabelecida.

Um outro agravante, no que diz respeito ao afastamento dos livros, é o fato de que os meios de diversão, informação e comunicação dos adolescentes trazem tudo de forma rápida e sucinta, e não é preciso muito esforço mental para ler esses textos. As informações já estão prontas, decodificadas e massificadas, o que os leva a ter dificuldade em ler algo mais complexo que exija esforço, concentração e tempo, o que se observa no cotidiano escolar.

É necessário resgatar o encantamento pela literatura, mas não do prazer entendido como algo fácil e imediato. Esse resgate também pressupõe responsabilidade e consciência de que leitura demanda esforço e objetivos. Quando se fala deste prazer, é preciso entender o papel da escola no sentido de evidenciar a importância da leitura não só para a Língua Portuguesa, mas também para todas as disciplinas acadêmicas que objetivam a transmissão de cultura e de valores para as novas gerações. Neste processo, é de suma importância que o professor seja um leitor ativo, que pesquisa e busca novas formas de interagir com seus alunos no intuito de sensibilizá-los tanto para a literatura contemporânea, quanto para a literatura do passado, tendo claro quais serão seus objetivos para com o trabalho literário, mostrando aos alunos que o prazer está em desvendar o “difícil”, o desconhecido, justificando a legitimidade das obrigações que serão mantidas, pois elas só produzem efeitos positivos na medida em os alunos reconhecem que elas existem para ajudá-los. (SNYDERS, 1993).

A leitura de obras literárias na escola tem um papel transformador, pois leva o leitor a estabelecer uma relação com o livro, convertendo-se num ser

que tem uma postura crítica perante a realidade, não se submetendo aos padrões tradicionais, segundo os quais o bom leitor era tido como o que lia corretamente, isto é, tinha domínio dos códigos que permitem a mecânica da leitura.

A IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR NO TRABALHO COM O TEXTO LITERÁRIO

O trabalho com a literatura infantil e juvenil no contexto escolar e a formação do hábito/necessidade de leitura tem motivado várias discussões e busca constante de inovações por parte dos profissionais da educação. Porém, na prática, percebe-se que as aulas de Língua Portuguesa não têm dado conta de abarcar toda essa carga de responsabilidades, principalmente no que se refere à formação do hábito de leitura de textos literários. Como em qualquer outro conteúdo, o ensino da leitura na escola necessita de metodologia.

Segundo Ezequiel Theodoro da Silva e Regina Zilberman (2005, p.115),

uma pedagogia da leitura que objetiva a transformação do leitor e, através deste, da sociedade, dificilmente se funda na descrição da estrutura do(s) texto(s). Mais do que isso, uma pedagogia da leitura de cunho transformador propõe, ensina e encaminha a descoberta da função exercida pelo(s) texto(s) num sistema comunicacional, social e político.

A história mostra que a criança só passou a ser vista como criança a partir do final do século XVII. Por isso, até então não se escrevia especificamente para elas, porque não existia o conceito de “infância” como um período particular na vida do ser humano. Foram as modificações acontecidas no início da Idade Moderna e solidificadas no século XVIII que propiciaram a ascensão de modalidades culturais como a escola com sua organização atual e o gênero literário dirigido ao jovem. A valorização da infância (enquanto faixa etária distinta do adulto) é o que chama a atenção nesse novo modelo, no qual a criança merece uma consideração especial e é-lhe dado o direito de tornar-se um adulto saudável, providenciando-lhe uma formação intelectual. (ZILBERMAN, 2005)

A escola tem, nesse processo, uma atuação fundamental. Ela deve propiciar um encontro adequado entre criança e livro. O convívio com o texto alarga horizontes; não se trata, portanto, de oferecer ao leitor jovem obras que justifiquem sua condição de marginalidade ou inferioridade social, mas sim, de dar-lhe a oportunidade de intercâmbio com o texto, vivenciando particularmente o mundo criado pelo imaginário.

Dessa forma, a leitura adquire um caráter formativo, o que difere de uma função estritamente didática, propiciando elementos para a emancipação pessoal, fazendo com que o leitor tenha um maior conhecimento do mundo e do seu próprio ser através da fantasia criada pelo escritor.

Nessa interação entre o texto e o leitor, é fundamental o papel do professor, pois ele é o principal responsável pelo ensino da leitura na escola. Para tanto, precisa estar fundamentado em teorias que o ajudem a pensar práticas pedagógicas para o ensino da literatura na escola. E o primeiro passo para que isso ocorra é a conscientização, tanto por parte do aluno quanto do professor – principalmente deste – de que a leitura, neste caso particularmente a leitura de textos literários, é uma das formas de aquisição de conhecimento e gostar de ler é um processo: não se nasce gostando e pode-se aprender.

Por isso, tal processo requer procedimentos didático-pedagógicos que levem o leitor a perceber que há um percurso até chegar ao objetivo, e que o prazer de ler é construído na medida em que ele vai superando as dificuldades, avançando e se constituindo como sujeito, criando novas relações entre situações reais e situações de pensamento.

Os alunos precisam ter contato com textos literários em sala de aula, mas isso não pode ser feito de forma aleatória e desvinculada de um objetivo. É necessário planejar as aulas e usar estratégias que sirvam para despertar o interesse de crianças e adolescentes, permitindo-lhes superar as limitações e avançar, constantemente, no processo de amadurecimento como leitores e como pessoas. A esse respeito, Magnani afirma que:

se o gosto se aprende, pode ser ensinado. A aprendizagem comporta uma face não-espontânea e pressupõe intervenção intencional e construtiva. Assim, o professor tem um importante papel a desempenhar no desenvolvimento de seus alunos/leitores. (MAGNANI, 1991, p.104)

Se o gosto se forma na aprendizagem escolar, o professor tem papel imprescindível neste processo. É necessário, além de planejamento, uma intimidade com as obras literárias, adquiridas a partir do gosto de ler, primeiramente do professor, que será o principal mediador entre leitor e obra. Esta intimidade fará com que o professor tenha prazer em ler para seus alunos, comentar sobre as obras que está lendo e apresentar a eles tudo que a literatura é capaz de nos proporcionar. A partir daí os alunos naturalmente terão curiosidade em buscar sozinhos tudo aquilo que lhe é proporcionado quando o professor lê para eles.

Ao fazer com que a obra literária chegue até o aluno e ao planejar estratégias para este trabalho, o professor contribui para que os conteúdos básicos de leitura, escrita, oralidade e análise lingüística estejam interligados e não isolados. Além de facilitar aos alunos o acesso a diversos gêneros textuais.

Dessa forma, serão capazes de perceber o percurso que há até se chegar ao objetivo, e que o prazer de ler está na superação, na responsabilidade e na consciência de que leitura demanda esforço.

Entendida desta forma a leitura da obra literária, propõe-se que se pense no ensino de literatura a partir dos pressupostos teóricos da *Estética da Recepção* (JAUSS, 1971) que tem como fundamento central a idéia de que nenhuma obra está incólume às determinações históricas, às condições de recepção a que é exposta no passar do tempo.

A LITERATURA E A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO

A elaboração da teoria da Estética da Recepção é um acontecimento histórico que toma amplitude a partir das teses de Hans Robert Jauss, um pensador que desempenhou papel de destaque no desenvolvimento da Escola de Constança, seguindo os passos de seu mestre, Gadamer.

Jauss, com seu programa de reabilitar metodologicamente os estudos de história da literatura, transformando-a no fundamento para a formulação de uma teoria da literatura equidistante do estruturalismo e do marxismo, encontra em Gadamer um de seus principais guias e modelos. Como o mestre, recupera a história como base

do conhecimento do texto; e, igual ao outro, pesquisa seu caminho por uma via que permite trazer de volta o intérprete ou o leitor, sua defesa predileta na luta intelectual contra as correntes teóricas indesejadas. (ZILBERMAN, 2004, p.12)

De acordo com a Estética da Recepção, o autor, embora seja o produtor do texto, ou seja, aquele que articula lingüisticamente idéias, sentimentos, posições, não controla o(s) sentido(os) que sua produção pode suscitar. O autor não é mais o “dono” do sentido dado ao texto, nem pelos leitores, nem pelos responsáveis por editar ou transformar um objeto em original que vai ser lido. (ZAPPONE, 2004)

O conceito de historicidade da teoria recepcional é o da relação de sistemas de eventos comparados num aqui-e-agora específico: a obra é um cruzamento de apreensões que se fizeram e se fazem dela nos vários contextos históricos em que ela ocorreu e no “agora” em que é estudada. Segundo Vera Teixeira de Aguiar e Maria da Glória Bordini, (1993, p.82),

A recepção é concebida, pelos teóricos alemães da escola de Constança, como uma concretização pertinente à estrutura da obra, tanto no momento da sua produção como no da sua leitura, que pode ser estudada esteticamente, o que dá ensejo à denominação da teoria da Estética da Recepção.

A valorização das obras se dá na medida em que, em termos temáticos e formais, elas produzem alteração ou expansão do horizonte de expectativas do leitor por oporem-se às convenções conhecidas e aceitas por esse. Uma obra é perene enquanto consegue continuar contribuindo para o alargamento dos horizontes de expectativas de sucessivas épocas.

O processo de recepção se completa quando o leitor, tendo comparado a obra emancipatória ou conformadora com a tradição e os elementos de sua cultura e seu tempo, a inclui ou não como componente de seu horizonte de expectativas, mantendo-o como era ou preparando-o para novas leituras de mesma ordem, para novas experiências. Quanto mais leituras o indivíduo acumula, maior a propensão para a modificação de seus horizontes, porque a excessiva confirmação de suas expectativas produz monotonia, que a obra “difícil” pode quebrar. A respeito disto, Zappone afirma:

Seja individualmente, seja coletivamente, o leitor é a instância responsável por atribuir sentido àquilo que lê. A materialidade do texto, o preto no branco do papel só se transforma em sentido quando alguém resolve ler. E assim, os textos são lidos sempre de acordo com uma dada experiência de vida, de leituras anteriores e num certo momento histórico, transformando o leitor em instância fundamental na construção do processo de significação desencadeado pela leitura de textos (sejam eles literários ou não). (ZAPPONE, 2004, p.136)

Toda obra está sujeita ao horizonte de expectativas de um público, ou seja, texto e leitor fazem parte de horizontes históricos distintos que precisam fundir-se para que a comunicação ocorra. (ZILBERMAN, 2004). O processo de recepção se inicia antes do contato do leitor com o texto. O leitor possui um horizonte que o limita, mas que pode transformar-se continuamente, abrindo-se.

Portanto, a obra é valorizada tendo em vista o modo como é recebida pelos leitores das diferentes épocas em que é lida. Dessa forma, supera-se a idéia de que uma obra esteja vinculada apenas ao seu contexto original.

A valorização da experiência estética, que confere ao leitor um papel produtivo e resulta da identificação desse com o texto lido, enfatiza a idéia de que uma obra só pode ser julgada do ponto de vista do relacionamento com seu destinatário. Os valores não estão prefixados, o leitor não tem de reconhecer uma essência acabada que preexiste e prescinde de seu julgamento. Pela leitura ele é mobilizado a emitir um juízo, fruto de sua vivência do mundo ficcional e do conhecimento transmitido. (ZILBERMAN, 2004, p.110)

O reconhecimento dos procedimentos textuais que atraem o leitor a uma obra “difícil” se dá por uma tomada de consciência da distância entre a própria visão de mundo e a obra, facilitada pela análise de sua composição estética ou ideológica. Isso requer certa formação do leitor, que o familiarize com as normas de produção dessa espécie de obra.

O horizonte de expectativa do leitor aumenta na medida em que ele avança em seu nível de leitura; a cada novo texto, a cada nova obra, aumentam as possibilidades de maior diálogo com o texto e com tudo que este pode lhe acrescentar, independentemente da época e do contexto histórico em que tenha sido escrito.

O processo de recepção textual, portanto, implica a participação ativa e criativa daquele que lê, sem com isso sufocar-se a autonomia da obra. Por tudo isso, podemos pensar que o gosto se forma e que a aprendizagem escolar da leitura da literatura desempenha importante função no desenvolvimento do aluno leitor.

LEITURA PRAZEROSA X LEITURA FÁCIL

Trabalhar a leitura de forma organizada e planejada, dando-lhe o merecido valor e oportunizando ao aluno um real encontro com obras literárias, proporciona, tanto ao professor quanto ao aluno, um trabalho prazeroso no sentido de se avançar para o difícil e ampliar os horizontes de expectativas dos alunos.

Para testar esta possibilidade de trabalho com a leitura de textos literários, foram planejadas aulas que foram desenvolvidas no 1º semestre do ano de 2008, com alunos da 6ª série A do Colégio Estadual Jardim Porto Alegre, na cidade de Toledo (PR), nas aulas de Língua Portuguesa.

Nossos alunos precisam realizar leituras eficazes e dialogar com vários tipos de textos. Para tanto, faz-se necessária a busca e aprofundamento em teorias que possam dar suporte ao professor para que este se sinta motivado a organizar e planejar projetos de leitura, nos quais o leitor seja envolvido em um processo que o levará a perceber que a literatura não se esgota no texto e sim, completa-se no ato de leitura.

A efetivação desta proposta se deu a partir da leitura do livro *Amigos secretos*, de Ana Maria Machado – que tem como foco principal a intertextualidade – através do qual os alunos foram estimulados a produzir vários gêneros textuais.

Entende-se, por gêneros textuais, diferentes “espécies” de texto, escritos ou falados, que circulam na sociedade, reconhecidos com facilidade pelas pessoas. São modelos de discurso que estão disponíveis, aos quais nós recorreremos para interagirmos com o outro. Exemplos: bilhete, romance, poema, sermão, conversa ao telefone, contrato de aluguel, notícia de jornal, piada, reportagem, letra de música, regulamento, entre outros. Os suportes

referem-se à base material que permite a circulação desses gêneros, com características físicas diferenciadas. Por exemplo: o jornal, o livro, o dicionário, a placa, o catálogo, a agenda e outros. (MARCUSCHI, 2003)

Dentre os gêneros que circulam na sociedade, os alunos produziram: reportagem, catálogo de leituras, contos, notícia, anúncio publicitário, poemas, entre outros.

Tal atividade prática teve por objetivo oportunizar aos alunos o contato com textos literários, estimulando o gosto pela leitura, através do estudo da intertextualidade, ou seja, do diálogo existente entre os textos, levando-os a perceber que um texto não é totalmente “puro”, “original”, pois traz, de certa forma, marcas de outros textos ou obras lidos pelo autor. A respeito deste assunto Bakhtin afirma:

Pode-se dizer que toda enunciação efetiva, seja qual for a sua forma, contém sempre, com maior ou menor nitidez, a indicação de um acordo ou de um desacordo com alguma coisa. Os contextos não estão simplesmente justapostos, como se fossem indiferentes uns aos outros; encontram-se numa situação de interação e de conflito tenso e ininterrupto. (BAKHTIN, 1999, p.107)

O projeto buscava, ainda, levar os alunos a identificar estas marcas intertextuais em diferentes gêneros textuais, envolvendo-os num processo de leitura e desenvolvimento da oralidade para que pudessem tornar-se leitores mais atentos e críticos.

Antes de iniciar o trabalho com os alunos, realizou-se uma reunião com professores, equipe pedagógica, direção e equipe técnico-administrativa da escola com o objetivo de promover um maior engajamento de todas as pessoas envolvidas no processo educacional, pois a melhoria na qualidade de ensino, no que se refere à maturidade de leitura dos alunos, deve ser de interesse geral.

A princípio as atividades foram desenvolvidas individualmente, mas num segundo momento houve atividades em grupo e expositivas. Conforme já explicitado, todo o trabalho foi desencadeado a partir da leitura do livro *Amigos secretos* (lido ao longo das aulas, em voz alta, pela professora). Ao longo do primeiro bimestre e da leitura do livro, os alunos pesquisaram textos

de diferentes gêneros textuais da esfera literária que dialogavam com o tema tratado no livro e produziram comentários a respeito dos mesmos, relatando suas impressões sobre os livros lidos.

Quando traziam tais gêneros para a sala de aula, tinham a oportunidade de perceber o diálogo que há entre os textos, o crescimento e a maturidade que a leitura pode proporcionar, além de estarem envolvidos em atividades que visavam à leitura e à oralidade.

No livro de Ana Maria Machado são citadas algumas obras/personagens clássicas da literatura, tais como Peter Pan, Dom Quixote, Três Mosqueteiros dentre outros. O jogo feito pela narrativa de Ana Maria Machado, onde ela articula personagens reais e fictícios num mesmo enredo, utilizando-se da intertextualidade, faz com que a realidade seja invadida por personagens conhecidos apenas nas páginas dos livros e mostra o quanto uma obra é capaz de dialogar com outras.

Tudo isto estimulava os alunos a lerem estas obras a fim de conhecerem tais histórias e entenderem o porquê de serem citadas no livro *Amigos Secretos*. A partir desta estratégia, os alunos tiveram interesse em ler tais obras e, após estas leituras, montaram catálogos de leitura com o intuito de divulgá-las para que outros alunos as lessem.

Os alunos foram levados a ler outras obras da Literatura infantil e juvenil que mostravam esta intertextualidade: *Bela borboleta* (Ziraldo), *Reinações de Narizinho* (Monteiro Lobato), *O fantástico mistério de Feiurinha* (Pedro Bandeira).

Após a leitura, pesquisaram temas apresentados nos livros e os apresentaram oralmente, comparando os temas lidos nos livros com fatos atuais e estabelecendo um comparativo entre a maneira como a literatura trata alguns temas e como eles são mostrados em outros gêneros textuais e na própria realidade. Foram abordados temas tais como: amizade, namoro, violência, amor, drogas, entre outros.

À medida que os alunos iam percebendo a presença destes temas nos livros, iam procurando outros gêneros textuais sobre o assunto escolhido: poesia, conto, crônica, notícia, propaganda; traziam estes textos para a sala e, a cada aula, tirava-se um tempo para a leitura, apresentação para os demais

colegas e comentário dos mesmos, vinculando o assunto trazido e comentado ao livro que estavam lendo. Havia um grande interesse por parte dos alunos, pois podiam perceber na prática o quanto a leitura alarga os horizontes; e como um texto é capaz de ligar-se a outro na medida em se compreende o que se lê.

Paralelamente ao trabalho com a leitura, houve também um trabalho com a oralidade, pois era necessário comentar, discutir e argumentar sobre o texto trazido, explicar para a turma os motivos que levaram o aluno a trazer aquele texto, a lê-lo para a turma e levar os colegas a perceber que havia elementos comuns que possibilitavam vinculá-lo ao livro.

Após todas estas leituras e contextualizações, os alunos produziram um texto narrativo com personagens de diferentes obras da literatura num mesmo enredo, utilizando-se da intertextualidade, da coesão e da coerência, exercitando a escrita.

O trabalho foi realizado durante as aulas, num período de três semanas, ou seja, doze aulas, distribuídas da seguinte forma: num primeiro momento, os alunos foram organizados em duplas e cada um falou sobre o livro lido e quais personagens mais lhe chamaram a atenção. Em seguida, selecionaram, dentre estas personagens, quais participariam da história, levando em consideração as características físicas e psicológicas de cada uma. Na sequência, após se ter trabalhado sobre as características da narrativa, inventaram um enredo no qual estas personagens se envolveriam criando, assim, um conto.

Isto suscitou a produção de um conto que, antes de ser exposto e apresentado aos demais colegas, passou ainda por um processo de revisão: cada dupla de autores analisava a criatividade das idéias, os elementos coesivos, a coerência, a ortografia, a pontuação e a paragrafação. O trabalho encerrou-se com uma revisão final e, em seguida, os textos foram passados a limpo, digitados e entregues aos demais colegas da sala para leitura e apreciação do que fora produzido. Como o trabalho foi feito em dupla, todo o processo de produção foi desenvolvido em sala de aula, apenas a leitura dos livros foi feita em casa.

Durante o processo de leitura, os alunos produziram também Catálogos de Leitura, no qual foram elaboradas questões em que eles tinham que,

individualmente, comentar sobre alguns aspectos das obras lidas. Por exemplo, quando indagados sobre o livro lido, o que mais chamou atenção nele, a quem recomendariam e que recordações o livro trouxera no momento da leitura, alguns alunos¹ responderam:

Um livro com 89 páginas para soltar a imaginação – Nem para sempre nem nunca mais de Maria da Glória Cardia de Castro – o que mais me chamou a atenção na história foi na hora que Luíza viu realmente quem era André, um trapaceiro e sem vergonha. Eu recomendaria esse livro para pessoas que acham que nunca irão encontrar alguém. O livro trouxe recordações sobre responsabilidade, bondade e carinho. (ALUNO A)

Eu li o livro, A droga do amor de Pedro Bandeira. Ao ler este livro senti muita emoção e alegria, o que mais me chamou a atenção foi que, Magri se importava muito com a amizade que ela sentia pelos 'Karas'. O fato marcante foi quando os três Karas entenderam que o amor que eles sentiam por todos os seus amigos, era mais forte que o amor que eles sentiam por Magri. Eu recomendaria o livro para minha amiga Camila, porque ela gosta muito de livros que falam sobre amizade e amor. Ele também me fez recordar os momentos maravilhosos que passei com um amigo que não está mais comigo. (ALUNO B)

O livro que eu mais gostei foi Amigos Secretos de Ana Maria Machado. A professora leu para nós e parecia que eu estava participando daquela aventura incrível, daquelas que a gente só encontra nos grandes livros e nos sonhos. O que mais me chamou a atenção na história, foi quando apareceram as personagens Peter Pan e Capitão Gancho, Dom Quixote e Sancho Pança, além é claro, do povo do sítio do Pica-Pau-Amarelo. Eu recomendaria este livro para todos que gostam de aventuras incríveis. Porque eles passam por muitas aventuras, na fantasia e na realidade. (ALUNO C)

Os relatos acima podem demonstrar um pouco do gosto pré-adolescente feminino com relação à leitura: livros que falam de amizade, carinho, imaginação e amor. Já este outro, feito por um menino, fala de aventura, adrenalina e emoção.

¹ Textos produzidos por alunos da 6ª série A do Colégio Estadual Jardim Porto Alegre, cujos nomes não foram colocados para preservar a identidade.

O livro que eu li foi Dom Quixote, do espanhol Miguel de Cervantes. O que mais me chamou a atenção no livro foi quando Dom Quixote fora apedrejado por dois pastores, porque ele atacou um rebanho de ovelhas achando que era um gigante que estava passando no local e quando ele lutou e perdeu. Eu recomendaria este livro para meu irmão porque ele tenta coisas que não consegue. O livro me trouxe recordações de quando eu era criança e pensei ser um grande espadachim. Uma vez eu li um livro parecido foi: Guerreiro Espacial - a última jornada, porque o guerreiro não fazia as coisas direito, mas tinha um bom coração (ALUNO D).

Em todos estes relatos pode-se observar o interesse dos alunos em ler, pois os assuntos escolhidos para fazer o relato são compatíveis com a faixa etária e principalmente com o gosto de cada um.

Após a leitura feita pelo professor, com ritmo e entonação adequados, observou-se a motivação dos alunos em ler, tanto o livro lido quanto as obras nele citadas. Por isso a necessidade de entender que este gosto não se desenvolve sozinho, é preciso levar os alunos a perceberem, como já foi discutido anteriormente, que o gosto se aprende e por isso deve ser ensinado, sendo este o papel do professor. (MAGNANI, 1991). Para os alunos chegarem a estes relatos houve todo um processo de leitura, discussão e produção, previamente planejado.

Cabe ressaltar que o processo de produção de texto deve ser aliado a uma proposta que tenha um sentido, sendo necessário coordenar uma série de aspectos: o que dizer, a quem dizer, como dizer. Leitura e escrita são práticas complementares, fortemente relacionadas. São práticas que permitem ao aluno construir seu conhecimento sobre diferentes gêneros, sobre os procedimentos mais adequados para lê-los e escrevê-los e sobre as circunstâncias de uso da escrita.

Todo este processo de produção de texto só obteve sucesso porque esteve aliado a uma proposta na qual foram previamente trabalhadas questões como: o que escrever? Como escrever? Para quem escrever? Ao produzir, os alunos foram movidos por um interesse de apresentar seu texto a um público específico, neste caso, a comunidade escolar. Já que os textos seriam expostos, os alunos tinham a preocupação de se fazer entender, e não apenas escrever uma redação porque o professor mandou e vai dar nota.

Quando os textos produzidos pelos alunos tomam parte de um projeto que transcende destinatários, no qual pode-se entender que eles como autores não estarão diante dos potenciais leitores para explicar-lhes o que não fora possível entender, a correção, a adequação e a pertinência passam a ser requisitos que se tornam naturalmente indispensáveis. (KAUFMAN e RODRÍGUEZ, 1995)

O trabalho com a leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e, conseqüentemente, a formação de escritores, pois, por um lado, nos fornece a matéria-prima para a escrita – o que escrever – e, por outro, contribui para a constituição de modelos: como escrever.

No decorrer do trabalho, foi possível ouvir comentários de alguns alunos a respeito dos livros que estavam lendo ou sobre a maneira como passaram a ver e entender algumas obras. “Agora estou gostando de ler, estou conseguindo entender melhor o que o livro diz”, afirmou um aluno; outro destacou a importância da leitura feita pelo professor: “Quando a professora lê para nós é muito bom, a gente viaja junto com as personagens.” Mas há, ainda, os alunos que continuam a ler apenas porque são cobrados: “Se não tivesse que produzir algum trabalho sobre o livro lido, eu não leria nada”.

É preciso salientar a importância do professor como principal mediador em todo o desenvolvimento destas atividades, estabelecendo o elo entre literatura e leitor e mostrando que o prazer de ler nem sempre está em leituras fáceis, mas sim no crescimento e amadurecimento que adquirimos quando lemos, comparamos, contextualizamos, produzimos e interagimos com tudo aquilo que uma boa obra literária é capaz de proporcionar.

CONCLUSÃO

As estratégias de leitura aqui apresentadas foram desenvolvidas com o objetivo não apenas de incentivar a leitura, mas de proporcionar aos alunos um momento único de “mergulho” na literatura. Dessa forma, o projeto de pesquisa não está acabado, pois tais estratégias devem fazer parte do trabalho cotidiano com textos literários, no qual o professor mostra a importância da leitura em diversas situações, além de atrelá-la aos gêneros textuais trabalhados. Quando se pensa num efetivo trabalho de incentivo à leitura, e principalmente à leitura literária, não podemos nos esquecer de que este deve ser contínuo, fazer parte do planejamento e da maneira como o professor pensa literatura no seu cotidiano.

Penso que o ensino de Língua Portuguesa, hoje, deva abordar a leitura, a produção de texto e os estudos gramaticais sob uma mesma perspectiva de língua – a perspectiva da língua como instrumento de comunicação, de ação e de interação social. A cada bimestre, é necessário o trabalho com vários gêneros textuais, com o intuito de se trabalhar a oralidade, leitura, escrita e análise lingüística.

Os alunos da faixa etária com a qual foi desenvolvido o projeto não possuem hábito de ler os clássicos e este trabalho foi um desafio neste sentido. Com certeza este é apenas o início de uma longa caminhada, pois há algumas limitações a serem vencidas, tais como: a falta de interesse dos alunos em buscar o novo, avançar para o difícil; a burocracia existente em algumas escolas públicas com relação ao uso da biblioteca, que tem deixado de ser um lugar de prazer, curiosidade, encantamento e descoberta para ser simplesmente um lugar onde se cumpre regras e a principal delas: “não mexer nos livros”. E, ainda, a pouca participação da comunidade escolar no que se refere ao incentivo à leitura.

Todos esses desafios tornaram-se pequenos quando se ouvia os alunos comentando sobre obras clássicas como: Dom Quixote, Peter Pan, Reinações de Narizinho, dentre outros. Além disso, devido ao trabalho paralelo com a escrita e a oralidade, pode-se observar o crescimento dos alunos nestes aspectos. A fluência, a entonação, o ritmo da leitura oral e a preocupação com

a estética da escrita e a função do interlocutor no processo foram aspectos que tiveram uma melhora significativa.

Após o desenvolvimento deste trabalho, constata-se que é possível promover mudanças no ensino de literatura juvenil para crianças do Nível Fundamental. Apesar das dificuldades, é necessário aproveitar a criatividade e energia que os alunos têm nesta fase. A partir de um trabalho contínuo e planejado, proporcionado por mudanças de atitude com relação à maneira de se apresentar o texto literário aos alunos, é possível levá-los a um encontro prazeroso e ao mesmo tempo responsável com obras literárias.

É imprescindível que a escola assuma a responsabilidade que lhe cabe nesse processo, pois é o único lugar onde a maioria das crianças tem acesso à literatura. Portanto não se pode poupar esforços nem investimentos neste sentido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. *Literatura e formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

AZEVEDO, Ricardo. Formação de Leitores e Razões para a Literatura. In: SOUZA, Renata J. (org). *Caminhos para a formação do leitor*. São Paulo: DCL, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira; com a colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. São Paulo: Hucitec, 1999.

JOLIBERT, Josette. *Formando crianças leitoras*. Tradução: Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

KAUFMAN, Ana Maria; RODRIGUEZ, Maria Helena. *Escola, leitura e produção de textos*. Tradução: Inajara Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

KLEIMAN, Ângela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. Campinas, SP: Pontes, 1997.

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1993.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. *Leitura, literatura e escola – sobre a formação do gosto*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva et al (org) *Gêneros e ensino*. 2. ed. Rio De Janeiro: Lucerna, 2003.

CARVALHO, Neusa Ciciliato de. Por que alunos de 1ª a 4ª série gostam de ler e os de 5ª a 8ª não? *Proleitura*, UNESP Assis (SP), ano 4, n. 15, p. 8-9, ago 1997.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa para a Educação Básica. Curitiba, 2006.

RODARI, Gianni. *Gramática da fantasia*. Tradução: Antonio Negrini. São Paulo: Summus, 1982.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *A produção da leitura na escola – pesquisas e propostas*. São Paulo: Ática, 2005.

SNYDERS, Georges. *Alunos felizes*. Tradução: Cátia Aida Pereira da Silva. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 2004.

_____. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 2003.

_____; SILVA, Ezequiel Theodoro da. (org.). *Leitura – perspectivas interdisciplinares*. São Paulo: Ática, 2005.

ZAPPONE, Mirian Hisae Yaegashi. Estética da Recepção. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN Lúcia Osana (org). *Teoria Literária: Abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: UEM, 2004.

ANEXOS

Exposição dos Gêneros Textuais produzidos a partir dos livros lidos:



Poesia



Texto Publicitário



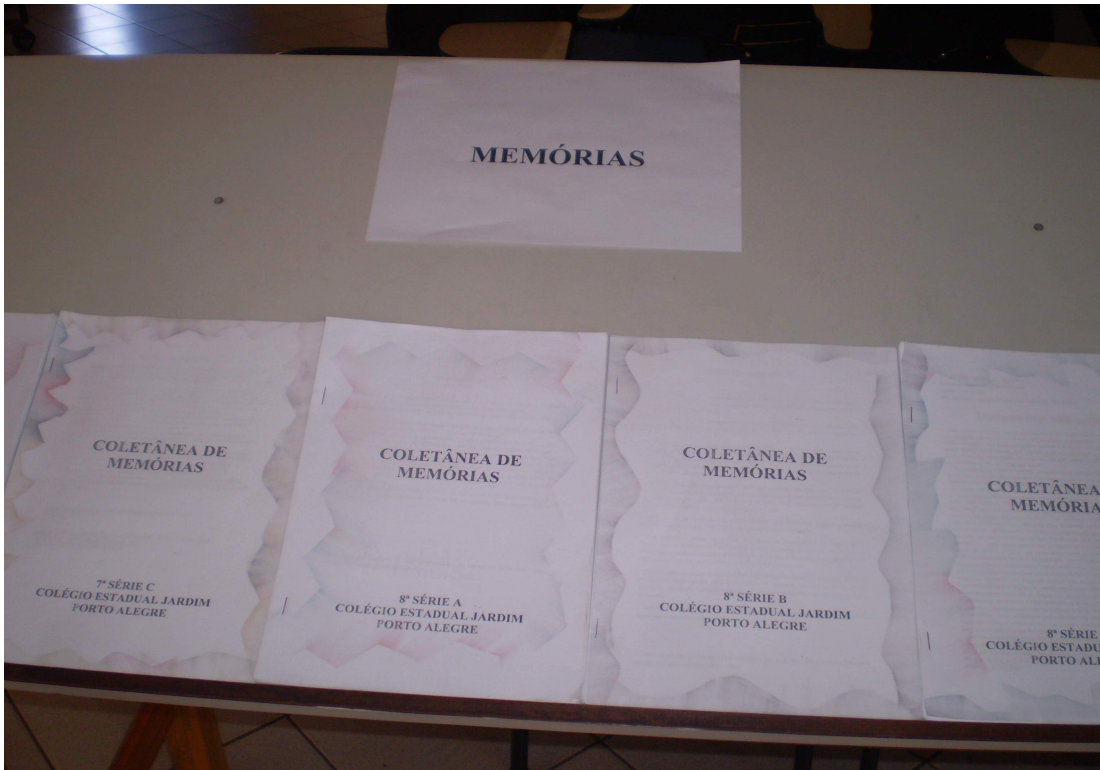
Fôlder



Catálogo de Leituras



Memórias



Ponto de Vista

PONTO DE VISTA

Educação ou prisão?...Eis a questão!



Lucas Dantas
Tema: Racismo

...educação ou prisão?...Eis a questão! ...educação ou prisão?...Eis a questão! ...educação ou prisão?...Eis a questão! ...educação ou prisão?...Eis a questão! ...educação ou prisão?...Eis a questão!

Ponto de Vista

Lucas Dantas

Tema: Racismo

ismo: Ignorância sem fim

...dias de hoje... as vítimas podem... ficar traumatizadas... A cada vez mais o racismo vem crescendo no Brasil... cerca de 80% das pessoas que moram na favela ou são de classes baixas já...

Ponto de Vista

Falta de conhecimento ou de preocupação?

Adolescentes que engravidam ou contram doenças transmissíveis devido a falta de conhecimento ou de preocupação... falta de conhecimento e de preocupação... falta de conhecimento e de preocupação...

Ponto de Vista

Cada Dia a Violência Cresce Mais

...violência cresce mais... violência cresce mais... violência cresce mais... violência cresce mais... violência cresce mais...

Francieli Matta Zottin